



Richard Foreman está “acordado” E a nossa “mente inconsciente”?

Kerri Allen

Richard Foreman odeia o teatro. Não obstante o facto de ter criado o seu próprio cânone teatral no contexto da vanguarda norte-americana, este artista experimental de reputação mundial evita as salas de teatro. “Odiei o teatro durante a maior parte da minha vida. E por isso sempre me perguntei: ‘Porque é que faço teatro?’”, confessa-me Foreman antes de mais um espectáculo no Ontological-Hysterical Theater, na bem conhecida zona de East Village em Manhattan. “Por duas razões: porque gosto de deslocar as coisas num espaço tridimensional e porque, como sou do tipo eremita, a minha tendência seria para não sair e deixar-me ficar no meu apartamento. O que psicologicamente não seria bom para mim. Preciso de conviver com outras pessoas”.

Durante a sua adolescência, o jovem rapaz judeu descia até à cidade, vindo da sua casa suburbana em Scarsdale, no estado de Nova Iorque, a cerca de 45 quilómetros de Manhattan. “Entre os 13 e os 30 anos, vi tudo o que podia”. Agora, com 70 anos, insiste: “Pura e simplesmente não suporto o teatro”. Trata-se de uma declaração intensa, ainda para mais proferida por um dos mais reconhecidos criadores cénicos norte-americanos. Uma declaração intensa proferida por um homem que recebeu um milhão de dólares através de uma MacArthur Fellowship (mais conhecida como a “Bolsa dos Génios”) para aplicar no seu trabalho no teatro. Será que devemos acreditar nele?

Depois de ter conquistado o mundo com 57 criações, desde *Angelface* (1968, *Rosto de anjo*) a *The Gods Are*

Pounding My Head (AKA Lumberjack Messiah) (2005, *Os deuses estão a martelar a minha cabeça (Messias lenhador)*), Foreman decidiu retirar-se dos palcos em 2005. Em Janeiro desse ano, declarou ao *The New York Times*: “Durante pelo menos os últimos dez anos, tenho-me esforçado por encontrar algo mais arriscado”. Alguns meses antes, lançara o “The Bridge Project”, uma colaboração internacional entre Foreman, a colaboradora Sophie Haviland e, agora, mais de 120 artistas internacionais. “Fiz uma série de espectáculos na Europa”, diz-me ele, “e tenho de reconhecer que sempre vivi apaixonado pela cultura europeia, e pela cultura francesa”. Depois de durante muitos anos ter feito inúmeras digressões pelo continente europeu, Foreman e o seu Ontological-Hysterical Theater interromperam essas visitas “por uma variedade de razões”. □

Com o “The Bridge Project”, o criador está de volta à estrada. Desde Agosto de 2004, Foreman e Haviland já visitaram Melbourne, na Austrália; Giessen, na Alemanha; Loughborough, em Inglaterra; e Lisboa, em Portugal. Em Abril de 2006, passaram alguns dias em filmagens no Hospital Miguel Bombarda, com a ajuda de Ana Tamen, das Produções Cassefaz, da Universidade Lusófona e da Escola Técnica de Imagem e Comunicação. Trabalhou com actores e algumas pessoas sem experiência para registar alguma imagens de que agora se serve na sua mais recente criação para o Ontological-Hysterical Theater, *Wake Up Mr. Sleepy! Your Unconscious Mind is Dead!* (*Acorde, Sr.*

<

*Wake Up, Mr. Sleepy!
Your Unconscious Mind
is Dead!*,
enc. Richard Foreman,
Ontological-Hysterical
Theatre, St. Mark's Church,
Nova Iorque,
fot. Paula Court.

Kerri Allen

vive em Nova Iorque e é membro da Associação Norte-Americana de Críticos de Teatro e da AICT. Autora de críticas e artigos sobre teatro, colabora regularmente com jornais e revistas como *The New York Times*, *Time Out New York*, *Back Stage* ou *American Theatre*.

<

<>

Wake Up, Mr. Sleepy!
Your Unconscious Mind
is Dead!
 enc. Richard Foreman,
 Ontological-Hysterical
 Theatre, St. Mark's Church,
 Nova Iorque,
 fot. Paula Court.



Dorminhoco! A sua mente inconsciente está morta!
 "Filmámos algumas sequências muito estáticas, quase como quadros, com um pequeno grupo de actores, e já com a ideia de utilizar essas imagens como uma espécie de imenso fundo em baixo-relevo para um espectáculo com um recurso mínimo a intérpretes ao vivo".

Wake Up Mr. Sleepy! esteve em cena entre 18 de Janeiro e 22 de Abril de 2007, ultrapassando em três semanas o calendário original para a sua apresentação. Para além das imagens filmadas em Portugal, que incluíam a colaboração de 14 actores portugueses, projectadas sobre dois enormes ecrãs no teatro da St. Mark's Church, o espectáculo contava ainda com a participação em cena de um grupo de cinco actores. Do mesmo modo que Foreman contesta a sua, de outro modo, óbvia ligação ao teatro, também defende que os actores são quase completamente irrelevantes. "A razão pela qual as pessoas vão ao teatro é para ver quem está no espectáculo. Eu não tenho qualquer interesse pelo elenco. Prefiro ter intérpretes que sejam interessantes. Talvez dependa mais do actor do que gosto de admitir, mas oficialmente, como parte da minha estética, ele não existe". □

Ao vivo e integral

Sento-me à conversa com Richard Foreman e dois dos actores de *Mr. Sleepy* - Stephanie Silver e Chris Mirto - numas cadeiras forradas de preto, colocadas entre a primeira fila e o avançado do palco. Estar assim tão próxima de um dos sempre explosivos dispositivos cenográficos de Foreman assemelha-se a uma espécie de mergulho no conteúdo de uma *slot machine* de Las Vegas.

O cabelo de Foreman espraia-se, selvagem, em torno da coroa careca da sua cabeça, e ele parece distraído e desinteressado. Como alguém que tem coisas melhores para fazer com o seu tempo. Silver, uma rapariga meia asiática naturalmente bonita, senta-se à minha esquerda, envergando um vestido, umas meias pretas e umas botas

de esquimó em camurça castanha. Dentro de uma hora, terá de mudar de roupa, vestindo um desconfortável figurino que inclui mordaza, um saio plissado, uma boina e uma placa colocada nas costas. Chris Mirto, 24 anos, senta-se à minha direita, com uma camisa branca de mangas compridas e uma *t-shirt* por cima. Dois *piercings*: um sobre a sobrancelha esquerda e outro sobre o lábio inferior à direita. Agita-se nervosamente e fala a uma enorme velocidade. Silver é mais controlada, mais calma. Parece ter apanhado a deixa de Foreman.

Não obstante a sua idade, estes dois jovens actores não se mostram minimamente intimidados pela proeza artística de Foreman, pela sua estatura "genial", nem pela sua declaração de desprezo pelos actores. Interagem com ele como se fosse uma espécie de avô rabugento com um coração de ouro. Quando lhes pergunto como é trabalhar com este artista misterioso, Mirto responde meio a brincar: "Ele é um monstro!" Quando Foreman faz aquela sua observação sobre os actores não fazerem parte da sua estética, Silver desafia-o: "Já o ouvi dizer que a primeira coisa que o marcou no teatro foi quando tinha seis anos e um actor olhou para si". "Sim, é verdade, mas isso foi quando era criança. Entretanto, cresci", riposta ele. "É verdade que agora tem mais alguns pares de anos", acrescenta provocatoriamente Mirto. "O seu cérebro acabou por tomar conta de si", acrescenta Silver.

Mr. Sleepy é o terceiro espectáculo de Silver com Foreman. Desempenhou o papel de Medeia em *The Medead*, da dramaturga escocesa Fiona Templeton, e também já trabalhou com a The Bee Sting Theater Company e com a Shakespeare Et Co. Mas com o Ontological-Hysterical é diferente. "É agradável sabermos que estamos a trabalhar para uma coisa que tem um significado especial. Ele fala dos filmes que o inspiram, da filosofia, da sua filosofia, do que é o teatro e daquilo que está a tentar transmitir, mas que não consegue, e diz isso muitas vezes. Não estou aqui só para receber um salário, nem estou aqui só para

mostrar o meu trabalho, embora, claro, isso também aconteça". Na verdade, à terceira semana de representações, Lou Reed e Mikhail Baryshnikov já tinham ido ver o espectáculo, enquanto os actores Willem Dafoe e James Cromwell já tinham as suas visitas agendadas.

Com uma licenciatura na Universidade de Nova Iorque já concluída e a caminho da Escola de Teatro da Universidade de Yale como encenador, Chris Mirto não se sentiu nervoso no seu primeiro espectáculo dirigido por Richard Foreman, *Lumberjack Messiah*. "Quando fiz o primeiro espectáculo, não gostava nada do seu trabalho", reconhece. "Não gostava, mas também não o percebia. Por isso quando me convidaram e eu aceitei, senti vontade de saber melhor do é que se tratava. Diverti-me muito mais neste espectáculo. Tive uma relação muito mais entusiasmante com o Richard durante todo o processo".

Colmatando o vazio

Há quase quatro décadas que Richard Foreman é um dos marcos do teatro da baixa nova-iorquina, resistindo às mais diversas tendências ditadas tanto pelos principais teatros da Broadway como pelos seus outros espaços mais "exteriores". O seu abandono dos palcos em 2005 ameaçava transformar-se no fim de uma era, mas a verdade é que nem ele nem o seu trabalho parecem ter desaparecido de cena. O ano passado, *Zomboid!* apresentou-se como o primeiro resultado do seu trabalho como artista multimédia. Aquele espectáculo ficou também marcado pela sua primeira utilização de filmagens criadas no âmbito do "The Bridge Project".

Cada iniciativa do projecto aparece dividida em três fases, a primeira das quais é uma oficina internacional. Começa com uma digressão de duas semanas durante a qual Foreman e Havilland visitam um determinado país, onde trabalham com universidades, organizações artísticas, teatros e festivais. A digressão inclui conferências e discussões, bem como uma oficina de trabalho intensivo

de sete dias, durante a qual realizam uma série de registos em vídeo digital com a colaboração de intérpretes locais, estudantes, artistas e outras pessoas interessadas. Na segunda fase, criam uma base de dados de "matérias-primas" sob a forma de imagens vídeo, texto e cenas filmadas. Os artistas desses países podem depois gratuitamente utilizar esse material para o desenvolvimento de projectos artísticos próprios apoiados na utilização de diferentes meios expressivos. Em troca, esses mesmos artistas são encorajados a incluírem o seu próprio material nessa base de dados e a colaborar com outros parceiros no projecto.

A terceira e última fase de cada "The Bridge Project" consiste na apresentação das diferentes obras em contextos artísticos locais e internacionais, que incluem festivais de cinema, produções de teatro, exposições em galerias de arte dedicadas à criação multimédia e a instalações, e outras iniciativas na área da multidisciplinaridade. Na sua nova vida como artista multimédia (vs. encenador de teatro), "o filme vem sempre primeiro". Foreman usa muitas vezes a pintura como inspiração para os filmes. No caso das filmagens realizadas em Lisboa, serviu-se de obras realizadas por "diferentes artistas, um artista e escritor francês e uma outra artista italiana que trabalha na Austrália. Algumas imagens extraídas das obras de Max Ernst. Trata-se de uma espécie de recolha de materiais que não têm praticamente nada a ver uns com os outros. E depois quando está tudo acabado, eu olho para aquilo e faço rapidamente uma primeira montagem, ainda em bruto".

Os parceiros do "The Bridge Project" – artistas e organizações – desenvolvem os seus próprios trabalhos a partir dessa matéria-prima que eles próprios criaram e apresentam essas obras a nível local, criando contextos para mostrar o trabalho do projecto, ao mesmo tempo que desenvolvem colaborações permanentes com outros participantes no mesmo projecto. O material filmado durante essas oficinas internacionais tem sido e continuará

>
Richard Foreman,
St. Mark's Church,
Nova Iorque,
Fevereiro de 2007,
fot. Paula Court.

a ser utilizado em criações teatrais dirigidas por Foreman no seu Ontological-Hysteric Theater em Nova Iorque e no estrangeiro. O material será também utilizado em filmes, instalações artísticas e *performances* criadas por Sophie Haviland em Nova Iorque e na sua Austrália nativa, incluindo trabalhos criados pelos parceiros internacionais.

Acordem!

Porque estará ele agora a abordar a mente inconsciente? Existirá por detrás disto algum raciocínio global, político ou social? Claro que não. Isso faria demasiado sentido, seria demasiado literal. Tudo resultou de um sonho que Foreman teve aos 13 anos – esses anos em que ele alegremente sorvia a cena teatral nova-iorquina. "Sabe, eu trabalho de forma muito intuitiva. É verdade que escrevo muito teoricamente. Pensando melhor nisto, eu tive um sonho aos 13 anos. Como é que isto surgiu não sei muito bem, mas acho que um dia dei comigo a pensar 'Aquele sonho podia estar numa peça'. Contado assim, parece muito accidental. E, num certo sentido, foi accidental. Eu tenho, o quê, oito milhões de ideias, a maior parte das quais são rejeitadas. Por isso, nada é assim tão accidental. Limito-me a testar continuamente coisas diferentes para ver se elas funcionam".

No palco de *Mr. Sleepy*, uma enorme quantidade de bonecas são enfiadas na cabina de um jacto de caça da Segunda Guerra Mundial. As cenas filmadas no Hospital Miguel Bombarda surgem projectadas em dois ecrãs, um na zona superior do palco e outro à esquerda. Esse mundialmente famoso espaço da St. Mark's Church está a abarrotar de cabeças de bonecas, flores artificiais,



espelhos, letras do alfabeto flutuantes, recortes de jornal, e bocados de livros. O espectáculo de 65 minutos é uma panóplia de sons e de visões, maravilhosamente coreografada com uma visão de artista e uma estética de lunático. Foreman é um génio louco, e o texto denuncia a sua imperturbável capacidade de lançar alguma luz sobre o nosso *Zeitgeist* cultural: "Quando os ouvi dizer que não era permitido errar, então eu percebi que este mundo estava espiritualmente esgotado".

Diversas frases enigmáticas são repetidas ao longo do espectáculo, tanto através de vozes gravadas por Foreman e pela sua mulher Kate Manheim, como ditas nos ecrãs por actores portugueses ("Tique toque, tique toque. Está avariado e não pode ser arranjado"). Há, contudo, uma frase que parece sintetizar a objecção do artista à vida moderna: "Aqui temos um mundo que tenta correr mais depressa do que a mente inconsciente. Mas quem ganha? Acabaram-se as apostas. Acabaram-se as apostas". Mas quando perguntamos a Richard Foreman o que significa tudo aquilo ou o que é que ele está a tentar transmitir, ele responde tão enigmaticamente como antes: "Não sei minimamente o que quero". Claro que sabe.